

Iza Mello Floriano

**Vínculos intergeracionais na arte: uma análise da obra *As mais belas coisas do mundo*,
de Valter Hugo Mãe, sob a ótica da Psicologia histórico-cultural**

Uberlândia

2025

Iza Mello Floriano

**Vínculos intergeracionais na arte: uma análise da obra *As mais belas coisas do mundo*,
de Valter Hugo Mãe, sob a ótica da psicologia histórico-cultural**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Stefanoni Combinato

Uberlândia

2025

Iza Mello Floriano

**Vínculos intergeracionais na arte: uma análise da obra *As mais belas coisas do mundo*,
de Valter Hugo Mãe, sob a ótica da psicologia histórico-cultural**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato.

Banca examinadora

Uberlândia, 22 de setembro de 2025

Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

Prof. Dr. Alexandre Vianna Montagnero (Examinador)
Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

Profa. Dra. Lorraine Possamai Salvador Azevedo (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA
2025

DEDICATÓRIA

Eu poderia dedicar este trabalho a todos os meus amigos, à minha família e a tantas outras pessoas especiais que estiveram comigo até aqui. Mas escolho dedicá-lo a quem foi a base para que esse projeto existisse: o meu avô, Fausto.

Meu avô foi, para mim, uma das *mais belas coisas do mundo*. Um pai presente, um avô amoroso, um marido generoso e um homem admirável em tudo que fazia. Poeta de alma sensível, escreveu versos que marcaram a minha infância e, de tantas formas, moldaram o meu olhar para o mundo.

Mesmo não estando mais aqui, ele permanece vivo em mim, nas memórias, nos ensinamentos e no amor que me deixou. É a ele que dedico este trabalho, com o coração cheio de gratidão e saudade.

Levo para sempre suas últimas palavras direcionadas a mim e o som da sua voz dizendo: “Beijos mil para a neta mais amada do Brasil”.

Sua presença me acompanha em cada página desse trabalho, em cada lembrança e em cada verso que me habita.

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da obra *As mais belas coisas do mundo*, de Valter Hugo Mãe (2019), a partir da perspectiva da Psicologia histórico-cultural, mais especificamente da *Psicologia da Arte*, conforme proposta por Vigotski (1999). O objetivo central é compreender como a literatura pode expressar e simbolizar experiências subjetivas e sociais, com destaque para a relação intergeracional entre avô e neto. Ao abordar temas como memória, afetividade, luto e construção de valores, a obra literária é analisada enquanto instrumento de mediação estética que pode contribuir para a formação da subjetividade. Nessa obra, a figura do avô se destaca como mediador emocional e simbólico, promovendo o desenvolvimento do neto por meio do afeto, da escuta e da provocação reflexiva. Assim, a literatura, apresenta-se como um potencial de humanização, capaz de reorganizar emoções, ampliar sentidos e produzir efeitos transformadores sobre o sujeito.

Palavras-chave: Psicologia, Arte, Literatura, Desenvolvimento humano, Relação entre gerações.

Abstract: This paper proposes an analysis of the work *The Most Beautiful Things in the World*, by Valter Hugo Mãe (2019), from the perspective of historical-cultural psychology, more specifically the Psychology of Art, as proposed by Vygotsky (1999). The main objective is to understand how literature can express and symbolize subjective and social experiences, with emphasis on the intergenerational relationship between grandfather and grandson. By addressing themes such as memory, affectivity, mourning, and the construction of values, the literary work is analyzed as an instrument of aesthetic mediation that can contribute to the formation of subjectivity. In this work, the figure of the grandfather stands out as an emotional and symbolic mediator, fostering the grandson's development through affection, attentive listening, and reflective provocation. Thus, literature is presented as a potential for humanization, capable of reorganizing emotions, expanding senses, and producing transformative effects on the subject.

Keywords: Psychology, Art, Literature, Human development, Intergenerational Relations.

INTRODUÇÃO

A velhice ainda é considerada, na perspectiva social contemporânea, de maneira bastante superficial e biologizante (Toledo & Santos, 2022). Esta fase do desenvolvimento humano é frequentemente ligada à perda e ao sofrimento, doenças e à ausência de valor social. Essa interpretação ignora os aspectos históricos, sociais e culturais que marcam esta etapa da vida, relegando o idoso a uma condição secundária em termos sociais. Em desacordo com essa visão, a Psicologia histórico-cultural entende que o desenvolvimento humano é orientado pelas atividades e mediações culturais ao longo de toda a vida, incluindo a velhice, período em que também acontece a reorganização psíquica, ressignificação simbólica e contribuição ativa à sociedade (Toledo & Santos, 2022).

Dentre outros aspectos, um meio pelo qual ocorre a constituição da subjetividade humana é através de vínculos sociais e afetivos que são estabelecidos ao longo da vida. Pensando nisso, a convivência intergeracional entre avós e netos tem se mostrado significativa na formação da identidade. Alguns estudos apontam que os avós possuem o papel de cuidado e sabedoria, transmitindo tradições, contribuindo para o desenvolvimento emocional das novas gerações e por sustentar afetivamente a família (Dias & Silva, 2003).

Segundo Dias e Silva (2003), os jovens valorizam nos avós qualidades como carinho, compreensão e diálogo, reconhecendo-os como pilares emocionais dentro da família. Essa convivência é apontada como essencial para o fortalecimento dos laços familiares, evidenciando o impacto da proximidade física e emocional. Além disso, em contextos de crise ou fragilidade familiar, os avós muitas vezes assumem funções de suporte social e até financeiro, o que amplia ainda mais sua importância no cotidiano das famílias.

No mesmo sentido, Dias e Silva (2001) indicam que, à medida que os netos crescem, podem exercer maior autonomia sobre o tipo de relação que desejam estabelecer com seus avós, o que reforça a necessidade de vínculos afetivos consistentes.

Em culturas como a indígena, por exemplo, os anciãos ocupam lugar central na comunidade, sendo responsáveis pela preservação da memória coletiva, dos saberes tradicionais e da identidade cultural (Marques et al., 2015). Essa valorização da experiência acumulada contrasta com a forma como muitos contextos urbanos ocidentais tratam a velhice, frequentemente marcada pelo distanciamento e pela invisibilização do idoso. A memória, nesse contexto, não é apenas uma função cognitiva, mas um elemento vital da identidade.

Para Bosi (2016), lembrar é também reafirmar quem se é. No idoso, a memória cumpre o papel de organizar simbolicamente sua trajetória, ressignificar o tempo e conferir sentido à própria existência. Ao compartilhar suas vivências com as novas gerações, os mais velhos não apenas mantêm vivas as histórias da família e da cultura, mas também se reconhecem como sujeitos ativos nesse processo de transmissão.

A convivência entre gerações beneficia tanto os sujeitos envolvidos, como pode promover uma mudança cultural a respeito da velhice. Segundo Pereira et al. (2014), adolescentes que convivem com pessoas idosas tendem a desenvolver uma visão mais humanizada da velhice, construindo uma percepção baseada no respeito e na empatia. Esse contato intergeracional permite o acesso a histórias de vida e experiências que ampliam a compreensão dos jovens sobre o envelhecimento, favorecendo o reconhecimento das contribuições dos idosos para a sociedade.

Diante da relevância das experiências intergeracionais na constituição da subjetividade, torna-se necessário refletir também sobre os meios simbólicos pelos quais tais vínculos são elaborados e ressignificados. Nesse sentido, a arte, e particularmente a literatura, apresenta-se como uma forma de expressão e mediação dos afetos. Através de seus elementos estéticos e simbólicos, a literatura possibilita ao sujeito elaborar vivências afetivas complexas, como o amor e o luto.

Nesse contexto, a literatura pode ser compreendida como um objeto privilegiado para o estudo da subjetividade, pois permite o acesso a experiências humanas profundas, mediadas por uma linguagem simbólica capaz de despertar reflexões e reorganizações internas. Ao narrar histórias marcadas por vínculos afetivos, perdas, valores e aprendizados, os textos literários se tornam, para a Psicologia, fontes legítimas de investigação dos afetos, da memória, da identidade e da formação do sujeito.

Assim, partimos da compreensão de que a arte não apenas representa a vida, mas também age sobre ela, provocando no sujeito efeitos subjetivos duradouros e contribuindo para seu desenvolvimento humano (Barroco & Superti, 2014).

Este trabalho nasce de um atravessamento pessoal, pois cresci rodeada pelos afetos dos meus avós. E ao me deparar com a obra *As mais belas coisas do mundo*, de Valter Hugo Mão (2019), fui profundamente tocada por uma narrativa que, de maneira poética e sensível, resgata esse tipo de vínculo e o transforma em linguagem, afetividade e beleza.

A partir dessa experiência pessoal, surgiu o desejo de investigar, de forma mais aprofundada, o papel das relações intergeracionais na constituição da subjetividade, especialmente sob a ótica da Psicologia histórico-cultural. Em tempos de crescente distanciamento entre as gerações e de valorização da lógica produtivista, compreender o lugar simbólico e afetivo que os avós ocupam na formação emocional dos netos torna-se um exercício necessário e urgente.

A literatura, por sua vez, oferece um caminho privilegiado para essa investigação, pois, como defende Antonio Cândido (1988), ninguém passa 24 horas sem recorrer ao universo da ficção, seja por meio de histórias, canções ou imagens e, por isso, o acesso à literatura deve ser compreendido como um direito humano fundamental.

Nesse sentido, esta pesquisa também se justifica pelo seu compromisso com a valorização da arte como instrumento de humanização. A literatura nos permite acessar sentimentos, refletir sobre a vida e elaborar nossas emoções de forma mais consciente (Candido, 1988).

Além disso, até o momento, não foram encontrados estudos que analisem essa obra a partir da Psicologia, o que reforça a relevância de sua investigação. Ao promover o diálogo entre gerações, estimular a escuta afetiva e valorizar experiências que não podem ser compradas, a narrativa contribui para sensibilizar o leitor e ampliar a compreensão sobre os processos de humanização mediados pela arte.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral analisar, por meio do método objetivo-analítico, como a obra *As mais belas coisas do mundo*, de Valter Hugo Mäe (2019), expressa e simboliza experiências subjetivas e sociais, com ênfase na relação intergeracional entre avô e neto, discutindo o papel desses vínculos na constituição da subjetividade do narrador-personagem.

MÉTODO

A escolha do autor e da obra se deu a partir de um processo de busca por produções literárias que abordassem as relações afetivas e intergeracionais sob um viés poético e simbólico. Após leituras exploratórias de diferentes autores, identificou-se em Valter Hugo Mäe uma escrita singularmente sensível à dimensão humana e relacional, especialmente em *As mais belas coisas do mundo*, cuja narrativa entre avô e neto evocou uma temática convergente com os objetivos desta pesquisa.

Além da pertinência teórica e estética, a escolha da obra também partiu de uma identificação pessoal da pesquisadora com a figura do avô retratada na narrativa. Durante a leitura, foi possível reconhecer traços do próprio avô da autora do trabalho na sensibilidade, na escuta e na forma afetiva com que o avô literário se relaciona com o neto. Essa proximidade afetiva intensificou o interesse pela obra e serviu como ponto de partida para refletir sobre como os vínculos intergeracionais podem se transformar em linguagem, memória e arte. O contato com a narrativa provocou reflexões significativas e despertou ressonâncias emocionais que motivaram o desejo de investigá-la com maior profundidade.

Como etapa inicial, foi realizado um levantamento bibliográfico nas plataformas Scielo e Google Acadêmico, a fim de identificar produções que analisassem a obra *As mais belas coisas do mundo* no campo da Psicologia. Foram utilizados os termos “Valter Hugo Mäe”, “As mais belas coisas do mundo” e “Psicologia histórico-cultural”. A busca não retornou resultados específicos sobre essa obra, tampouco análises a partir da Psicologia histórico-cultural, o que reforça a originalidade da proposta e sua relevância para o diálogo entre literatura e subjetividade.

A análise da obra foi orientada pelos princípios da Psicologia da arte vigotskiana, com ênfase na articulação entre forma e conteúdo e nos efeitos emocionais e simbólicos provocados no leitor. Para tanto, utilizou-se o método objetivo-analítico, conforme proposto por Vigotski (1999), que busca compreender a unidade entre forma e conteúdo da obra de arte, analisando como os elementos estéticos e estruturais expressam e transformam os conteúdos humanos universais. A partir da leitura integral do livro, foram destacados trechos representativos que envolvessem os temas centrais da pesquisa, como a relação intergeracional entre avô e neto, a transmissão de valores e afetos, a construção de memórias e a formação da subjetividade.

Para Vigotski (1999), a arte não pode ser compreendida apenas como expressão ou transmissão de sentimentos individuais. Ao contrário, ele afirma que a arte é uma forma específica de atividade humana que transforma, organiza e elabora os sentimentos, superando-os. A arte realiza, portanto, um processo de catarse, no qual o sentimento vivido não é simplesmente comunicado, mas é elevado a um novo patamar de consciência e significado. Essa superação é o que caracteriza a arte como um verdadeiro ato criador.

Nesse sentido, Vigotski (1999) concebe a arte como uma técnica social do sentimento. Isso significa que, ao contrário de ser uma experiência meramente subjetiva ou individual, a arte traduz emoções pessoais em formas objetivas, acessíveis socialmente. Por meio da obra de arte, sentimentos íntimos são exteriorizados e compartilhados, sendo incorporados ao ciclo da vida coletiva. A arte, portanto, atua como instrumento da sociedade na organização e expressão das emoções humanas.

Além disso, Vigotski (1999) atribui à arte um papel essencial no equilíbrio psicofísico do ser humano. Em sua concepção, o organismo humano vivencia tensões e excessos de energia emocional que nem sempre encontram vazão na prática cotidiana. A arte atua como um mecanismo que permite descarregar essas energias reprimidas de maneira organizada, funcionando como uma válvula de escape e, ao mesmo tempo, como forma de reconstrução interior. Desse modo, ela contribui para a manutenção do equilíbrio entre o indivíduo e o meio social e natural, sobretudo em momentos de crise ou conflito.

Para Vigotski (1999), a arte não é um ornamento da vida, nem um luxo dispensável. Ela é uma força vital que se enraíza nas necessidades mais profundas do ser humano e da coletividade. Através da arte, o homem não apenas reflete o mundo, mas o reconstrói. Ela é, portanto, um dos mais potentes instrumentos de desenvolvimento humano e social. Ao integrar

processos biológicos e sociais, afetivos e intelectuais, a arte se afirma como um campo privilegiado de mediação entre o indivíduo e a realidade.

A Psicologia da arte, conforme proposta por Vigotski e discutida por Barroco e Superti (2014), comprehende a obra artística como uma forma de síntese dialética entre conteúdo e forma. O conteúdo se refere às experiências humanas universais e concretas, enquanto a forma diz respeito à maneira como essas experiências são organizadas esteticamente pela linguagem artística. O impacto subjetivo da obra decorre justamente da tensão entre esses dois elementos, que provoca no leitor ou espectador uma vivência emocional transformadora.

Para Vigotski, a arte atua diretamente sobre o psiquismo, não como simples reflexo da realidade; ela possibilita uma reorganização emocional e simbólica. A partir do contato com a obra, o sujeito pode transformar sua forma de sentir, pensar e compreender o mundo. Essa transformação, segundo o autor, não ocorre de maneira aleatória, mas obedece a uma lógica estética que envolve a provocação de emoções antagônicas e sua posterior superação, processo denominado por ele como catarse (Barroco & Superti, 2014).

Assim, a análise da obra *As mais belas coisas do mundo* (Mãe, 2019) será orientada pelos princípios de *Psicologia da Arte*, de Vigotski (1999), considerando que a arte atua sobre o sujeito por meio de sua forma estética e simbólica, provocando reorganizações emocionais e subjetivas. Embora o foco central da análise seja a relação entre avô e neto, elemento estruturante da narrativa, outros aspectos relevantes emergiram durante o processo interpretativo. Trata-se, portanto, de uma análise aberta ao movimento da própria leitura, respeitando o princípio vigotskiano de que a arte não transmite mensagens diretas, mas reorganiza a experiência subjetiva por meio da emoção estética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra *As mais belas coisas do mundo* (Mãe, 2019) descreve a vivência de um menino que, ao longo da sua infância, constrói um vínculo forte com o seu avô, do qual ele recebe afeto, escuta e ensinamentos. Toda a história é narrada pelo olhar do neto, que compartilha suas experiências, reflexões e seus sentimentos a partir da convivência com o avô. Ao longo da narrativa, acompanhamos como o avô incentiva o neto a explorar os mistérios da vida, a pensar por si mesmo e a desenvolver sensibilidade para as coisas invisíveis, como os sentimentos e os valores humanos. Com escuta atenta e sabedoria afetuosa, o avô se torna uma referência de amor, curiosidade e encantamento pelo mundo.

No decorrer da obra, o menino vivencia perdas, enfrentando o luto com a mesma delicadeza com que aprendeu a observar a beleza das pequenas coisas. Ainda que marcado pela ausência, ele encontra formas de manter vivos os ensinamentos e o afeto recebidos, compreendendo que *As mais belas coisas do mundo* são aquelas que permanecem dentro de nós.

Valter Hugo Mãe, autor da obra, é um escritor português, nascido em Angola em 1971, mas crescido em Portugal, onde construiu toda a sua trajetória literária. Sua escrita é marcada por uma linguagem poética e sensível. Ao longo da carreira, publicou romances, poesias, contos e livros para o público infanto-juvenil e foi premiado com o Prêmio Literário José Saramago em 2007 (Prêmio José Saramago, 2007). Em suas obras, costuma abordar temas como os afetos, a solidão, a perda e o amadurecimento. Além de escritor, também atua como editor, artista visual e músico, sendo uma figura ativa na cena cultural portuguesa e brasileira (Fronteiras, s/d).

O artista visual Nino Cais é o responsável pelas ilustrações da obra. Entre suas principais técnicas está o uso da colagem, linguagem recorrente em sua trajetória artística. No seu estilo,

ele frequentemente recorta, sobrepõe e reorganiza fragmentos de imagens, como fotografias antigas, páginas de livros ou revistas, criando composições que subtraem e adicionam sentidos (Galeria Lume, s/d). As imagens não ilustram literalmente os acontecimentos narrados, mas funcionam como pausas sensíveis e silenciosas, que expandem o universo emocional do texto.

Ao término do livro, o autor insere uma nota pessoal na qual declara ter sido inspirado pelo seu próprio avô. Nessa nota, Valter Hugo Mãe conta como tentava compreender as indagações do avô durante a infância e de que forma aquelas horas de escuta atenta e carinho moldaram sua vida e concepção de mundo. A obra traz vivências pessoais e emocionais do autor podendo, por meio da arte, ser compartilhada e compreendida por outras pessoas. Não necessariamente tudo que consta na obra seja um reflexo da realidade. Como exemplifica Vigotski (1999), a uva está para a vida assim como o vinho está para a obra, ou seja, a arte não é uma simples reprodução da realidade, mas a transforma em algo novo, dotado de sentidos mais profundos.

A análise envolveu a seleção de trechos significativos e a interpretação dos elementos simbólicos presentes na narrativa, considerando temas como memória, perda, subjetividade e afetos. Os principais resultados indicam que a figura do avô, na obra literária, exerce um papel estruturante na formação do neto, funcionando como mediador de sentidos, valores e afetos. Vale ressaltar que a interpretação da obra depende da vivência subjetiva de cada leitor, uma vez que a literatura mobiliza sentidos que se constroem a partir da experiência individual de quem lê.

Além disso, a análise não foi conduzida de forma linear, acompanhando as páginas da obra, mas organizada por eixos temáticos que emergiram da leitura. Essa opção metodológica se justifica pela coerência com o método objetivo-analítico, que privilegia a compreensão do

sentido estético e simbólico da obra a partir dos núcleos de significado, e não de sua sequência narrativa.

Quando se observa a obra a partir da relação entre forma e conteúdo, como propõe Vigotski em *Psicologia da Arte* (1999), é possível perceber como a literatura pode mobilizar emoções profundas por meio de escolhas estéticas precisas. Para Vigotski (1999), o potencial transformador da arte reside na tensão entre o conteúdo emocional e a forma como ele é apresentado. Quando sentimentos intensos são expressos por meio de uma linguagem suave, poética ou até lúdica, por exemplo, o leitor pode experimentar um tipo de conflito afetivo que impulsiona a reorganização interna de suas emoções, processo denominado catarse.

Na obra, o conteúdo envolve temas densos como a perda dos avós, o amadurecimento, o amor e a saudade. No entanto, esses conteúdos são apresentados por meio de frases curtas, imagéticas, delicadas e frequentemente por metáforas que suavizam a experiência dolorosa e convidam o leitor a uma elaboração mais profunda e sensível desses sentimentos.

"Aprendi que minha avó ficou doente e precisou de morrer. Por causa de estar muito doente, a avó precisara de morrer para ficar sossegada. Não lhe poderíamos falar, mas ela seria um património dentro de nós, uma recordação que a saberia manter como viva"
(Mãe, 2019, p.19).

Analizando esse trecho, percebe-se que o uso do termo "precisou de morrer" mostra como o narrador busca dar sentido à perda com base em uma lógica emocional e afetiva acessível à sua compreensão. Além disso, nesse trecho é possível notar que os avós trazem um legado que vai além de sua presença física. Essa percepção dialoga com estudos de Dias e Silva (2003), que destacam o papel dos avós como transmissores de valores, conhecimentos e histórias de vida, elementos que são assimilados pelos netos como uma verdadeira herança emocional e cultural.

Mesmo após a morte, a figura da avó permanece viva na memória afetiva do narrador, como um "patrimônio dentro de nós", expressão simbólica de continuidade intergeracional. Assim, os avós se tornam elementos fundamentais na preservação de tradições familiares e sociais, operando como mediadores da identidade e da cultura que atravessam o tempo e moldam subjetividades. A memória, nesse caso, mantém viva a presença de alguém significativo e organiza a identidade de quem permanece.

A figura do avô na obra é uma presença estruturante e sensível, que atravessa não apenas o cotidiano do menino, mas também sua compreensão de mundo e sua construção subjetiva. Quando o avô fala sobre *As mais belas coisas do mundo* e apresenta uma visão que inclui conceitos de beleza que vão além do físico, incorporando valores como amizade, amor, honestidade e generosidade, ele influencia diretamente a forma como o neto entende o mundo.

“Pasmei diante do seu conceito de beleza. Ele incluía os modos de ser, esses ingredientes complexos que compõem a receita do carácter¹ ou da personalidade, a maneira um pouco inexplicável como somos e sentimos” (Mãe, 2019, p.27).

“A beleza, compreendi, é substancialmente um atributo do pensamento, aquilo que inteligentemente aprendemos a pensar” (Mãe, 2019, p.29)

Essa reflexão amplia a compreensão do menino, pois vai além do cotidiano simples e o faz pensar sobre as qualidades humanas que moldam o mundo.

Destaca-se que no primeiro trecho, a escolha das palavras “ingredientes” e “receita” remete ao mundo concreto, técnico e reproduzível. No entanto, o autor aplica essa linguagem ao campo subjetivo da identidade e dos afetos, justamente onde não há fórmulas prontas ou

¹ A obra analisada foi escrita em português de Portugal, o que pode resultar em grafias e construções linguísticas diferentes do português do Brasil.

medidas exatas. Tal contradição entre a escolha das palavras (forma) e os possíveis sentidos atribuídos (conteúdo) pode provocar o que Vigotski (1999) denomina de catarse.

Ao usar essa comparação entre “ingredientes” e “receita” com “carácter” e “personalidade”, o autor mostra, de forma sensível, como as pessoas tentam entender umas às outras usando ideias que já conhecem. Mas, no fundo, essa tentativa nunca é completa. A palavra “complexos” ajuda a mostrar que mesmo usando a metáfora da receita, esses “ingredientes” não são simples e nem fáceis de entender. Assim, podemos interpretar que cada pessoa é única, e que a beleza está justamente nesse jeito de ser que ninguém consegue explicar totalmente.

Percebe-se que, desde o início da obra, existe uma troca simbólica. O avô ensina o neto de uma forma diferente, ele realiza sempre muitas perguntas, mas não oferece respostas prontas, com isso ele convoca o neto a refletir. Nos trechos a seguir, o avô atua como um provocador ativo, estimulando o neto e o leitor a imaginar, questionar e refletir sem imposições rígidas, promovendo uma escuta sensível às emoções e aos pensamentos do garoto. Isso demonstra que sua figura não é autoritária, mas de alguém que convida à descoberta e ao entendimento através do diálogo e do afeto compartilhado, moldando assim a construção subjetiva do personagem-narrador e, quem sabe, do leitor.

“O meu avô sempre dizia que o melhor da vida haveria de ser ainda um mistério e que o importante era seguir procurando. Estar vivo é procurar, explicava” (Mãe, 2019, p.7).

“Um dia, explicou, eu passaria a ser capaz de colocar as minhas próprias questões, ofício mais difícil ainda do que procurar respostas. [...] Criava jogos para inventarmos perguntas só para ver se todas as perguntas teriam uma solução [...] Inventar perguntas é aprender” (Mãe, 2019, p.15).

Essa característica se alinha ao conceito de Vigotski (1999) de que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da mediação simbólica já que o sujeito se constitui ao apropriar-se de signos e instrumentos culturais, como por exemplo a linguagem, em interação com o outro. No caso da obra, o avô é esse "outro" que apresenta o mundo ao neto por meio de metáforas, perguntas e afetos.

Diante disso, percebe-se que o avô não o apresenta apenas o saber factual, mas um saber afetivo e poético, que estrutura sua maneira de estar no mundo, em vez de instruções secas. O avô desafia o menino a encontrar suas próprias respostas. Ele convida o neto à aventura de pensar, de sentir e de sonhar, assim como propõe Vigotski (1999) ao afirmar que o outro não só participa do desenvolvimento do sujeito, mas atua como mediador da consciência e da experiência vivida. Ao instigar o menino a olhar o mundo com outros olhos, o avô é também um instrumento da arte, pois ele reorganiza afetos, amplia sentidos e prepara o neto para habitar poeticamente a vida.

O trecho a seguir mostra como a lembrança do avô continua viva e influencia profundamente o neto:

“Eu entendi que o meu avô era como todas as mais belas coisas do mundo juntas numa só. E entendi que fazer-lhe justiça era acreditar que, um dia, alguém poderia reconhecer a sua influência em mim e, talvez, considerar da minha pessoa algo semelhante”
(Mãe, 2019, p.41).

O neto guarda o avô como uma parte importante de si e deseja carregar sua influência para que ela também seja reconhecida pelos outros. Isso se liga ao que Bosi (2016) afirma sobre a memória ser uma maneira de manter vivo quem já se foi. Além disso, quando o neto diz que fazer justiça ao avô é continuar aquilo que ele representava, vemos uma transmissão entre

gerações, ou seja, o neto transforma a lembrança em algo vivo, que forma sua identidade e pode ainda ser passado adiante.

“No verdadeiro amor tudo é para sempre vivo” (Mãe, 2019, p.43).

Mesmo com a morte do avô, o amor permanece vivo porque o neto continua sentindo, lembrando e sendo influenciado por ele.

“Aprendi que o dinheiro tem valor em troca de muita coisa, mas muita coisa só tem valor se for de graça. Aprendi que o preço é quase sempre o lado corrompido do valor” (Mãe, 2019, p.17).

Esse trecho mostra uma crítica à ideia de que tudo pode ser comprado. Através de Fontes (2009), que discute as ideias de Marx, é possível entender que essa fala denuncia como o capitalismo transforma quase tudo em mercadoria, apagando os valores mais humanos e afetivos. Segundo a autora, essa lógica do dinheiro e do mercado faz com que a liberdade seja limitada e que a vida se torne mais vazia. Quando na obra é dito que o preço corrompe o valor, mostra que nem tudo pode ser medido por dinheiro, e que as coisas mais importantes muitas vezes só existem quando são dadas de graça, sem troca.

Nesse cenário de esvaziamento simbólico provocado pela mercantilização da vida, a arte surge como uma forma de resistência e de reconexão com o essencial. De acordo com Cândido (1988), a arte é uma necessidade espiritual, pois permite à pessoa, além de conhecer a realidade, redescobrir-se e reorganizar seus sentimentos e pensamentos. Essa vivência estética favorece um processo de humanização que o autor define como o aprimoramento da personalidade tanto individual quanto coletiva. Tal enriquecimento ocorre por meio do exercício da reflexão, do aprimoramento das emoções, da apreciação da beleza e da habilidade de entender a complexidade da vida e das relações. Dessa forma, a literatura ajuda a aumentar

a sensibilidade e fortalecer as características mais essenciais do ser humano, promovendo a receptividade na relação ao próximo, à sociedade e ao mundo.

“O meu avô pedia que não me desiludisse. Quem se desilude morre por dentro. Dizia: é urgente viver encantado” (Mãe, 2019, p.13).

Assim como o avô do romance orienta o neto a manter-se encantado, a arte mobiliza a subjetividade para muito além da cotidianidade, tocando o núcleo da personalidade e da realidade social. Ademais, o encantamento defendido na fala do avô se aproxima do que Vigotski chama de catarse, uma transformação das emoções provocada pela vivência estética. Essa experiência humaniza e aprofunda a compreensão de si, do outro e do mundo (Combinato, 2018).

No trecho, a desilusão aparece como uma espécie de morte por dentro, enquanto o encantamento representa a chance de renovar a vida. Essas duas forças não se excluem, mas se transformam. O vazio da desilusão pode abrir caminho para novos sentimentos e formas de viver. Assim, o conselho do avô expressa a mesma lógica da arte que, ao lidar com contradições, promove uma superação simbólica capaz de fortalecer a vitalidade humana e ampliar o sentido de existir.

“A força do pensamento haverá de criar coisas incríveis, científicas, intuitivas, maravilhosas, profundas, necessárias, movedoras, salvadoras, deslumbrantes ou amigas. Pensar é como fazer. Quem só faz e não pensa só faz uma parte” (Mãe, 2019, p.31).

Esse trecho pode ser analisado, à luz de Combinato (2018), como uma valorização do pensamento enquanto força essencial no processo de humanização. O desenvolvimento das funções tipicamente humanas como o pensamento, a imaginação e a linguagem, está diretamente ligado à apropriação da cultura historicamente acumulada. A arte favorece esse desenvolvimento justamente por tocar o sistema afetivo, provocar reflexões e transformar a

maneira como a pessoa percebe a realidade (Combinato, 2018). Pensar, nesse sentido, não é algo separado da ação, mas parte fundamental dela.

Essa valorização do pensamento sensível, criativo e transformador e articulado à imaginação também aparece no trecho:

“Sozinho, saberia inventar um mistério até para mim mesmo. Como se eu fosse o lado de cá e o lado de lá das coisas. O lado de cá e o lado de lá do mundo. Um cristal com emissão de luz para todos os sentidos, para todas as direções” (Mãe, 2019, p.15).

Essa imagem poética mostra a riqueza interior do sujeito, sua capacidade de imaginar, de sentir o mundo por diferentes ângulos e de criar sentidos mesmo na solidão. De acordo com Combinato (2018), é justamente isso que a arte desperta, um olhar mais profundo e sensível para si e para a realidade. Em vez de simplesmente repetir o que já se sabe, a arte permite pensar de outros modos, abrir novos caminhos dentro da própria experiência. Ser “um cristal que emite luz” pode simbolizar essa abertura para múltiplas formas de sentir e compreender a vida.

Outro exemplo disso é uma metáfora usada pelo menino:

“De cada vez que a nossa cabeça resolve um problema aumentamos de tamanho. Podemos chegar a ser gigantes, cheios de lonjuras por dentro, dimensões distintas, países inteiros de ideias e coisas imaginárias” (Mãe, 2019, p.11).

Ela traduz a ideia de que o desenvolvimento humano não se dá apenas em termos concretos, mas também na ampliação do mundo interior. Resolver um problema, nesse sentido, é expandir fronteiras internas, criar novas dimensões de sentido e transformar-se por dentro e não apenas encontrar uma resposta para os problemas.

Além de incentivar o neto a olhar para o mundo, o avô da obra também encorajava o garoto a falar sobre seus sentimentos:

“Era um detective de interiores, queria dizer, inspeccionava sobretudo sentimentos”
(Mãe, 2019, p.9).

“Havia, às vezes, um momento em que discutíamos a tristeza. Era fundamental sabermos que aconteceria e que implicaria uma força maior.” (Mãe, 2019, p.13).

Ao ser descrito como um “detective de interiores”, o avô assume o papel de alguém que valoriza o mundo afetivo, ensinando ao garoto que sentimentos, mesmo os difíceis como a tristeza, merecem atenção e cuidado. A conversa sobre a tristeza, por exemplo, mostra que ela não é negada ou evitada, mas acolhida como parte da experiência humana.

Essa postura dialoga com a reflexão de Combinato e Queiroz (2006) a respeito da morte e do luto, uma vez que “a expressão de sentimentos, nessas ocasiões, é fundamental para o desenvolvimento do processo de luto” (p. 212), já que elaborar as perdas implica reconhecer a dor em vez de silenciá-la. Assim, ao incentivar o neto a falar de suas emoções, o avô rompe com a lógica social da negação e do sofrimento, ensinando que o enfrentamento da tristeza é um caminho de fortalecimento e transformação.

O afeto demonstrado pelo avô é um dos pilares mais potentes da narrativa. Por meio de gestos simples, como o abraço, ele expressa um amor profundo, constante e seguro, um amor que não depende de conquistas externas, mas que valoriza o esforço, a curiosidade e a presença do neto.

“Eu dizia: dentro do abraço do avô. Porque ele se tornava uma casa inteira e acolhia” (Mãe, 2019, p.7).

“Prometia que, se eu descobrisse cada resposta, me daria outro abraço ainda mais apertado e sempre mais amigo. Por melhores que fossem os cadernos, o orgulho que sentia

naqueles abraços era a vitória, eles eram a fita-métrica da sua amizade por mim.” (Mãe, 2019, p.11).

Os abraços são mais do que demonstrações físicas de carinho, tornam-se símbolos de acolhimento, proteção e pertencimento. Quando o menino diz que o avô “se tornava uma casa inteira”, evidencia-se a função afetiva e simbólica dessa figura, o avô é um espaço de escuta e compreensão. Essa relação afetiva tão forte e sensível fortalece o vínculo entre os dois e também sustenta o crescimento subjetivo do menino, que aprende, no contato com o avô, a valorizar os sentimentos, o cuidado e a ternura como formas legítimas de se estar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste trabalho teve como objetivo central analisar, por meio do método objetivo-analítico, como a obra *As mais belas coisas do mundo*, de Valter Hugo Mãe (2019), expressa e simboliza experiências subjetivas e sociais, com ênfase na relação intergeracional entre avô e neto. Buscou-se, ainda, discutir o papel desses vínculos na constituição da subjetividade do narrador-personagem, evidenciando como a literatura, ao articular forma e conteúdo, pode atuar como mediadora de afetos, valores e processos de humanização.

A análise da narrativa permitiu compreender que a literatura, ao articular forma e conteúdo, simboliza experiências de modo sensível e humanizador, evidenciando como o vínculo com o avô pode atuar como mediador de afeto, memória e valores. Esses elementos mostram a potência formativa e simbólica da convivência intergeracional e confirmam, à luz de Vigotski, o papel transformador da arte na vida subjetiva e social.

Nesse sentido, é possível afirmar que a transformação provocada pela obra ocorre em dois planos complementares. No plano narrativo, quando o neto, por meio da convivência com o avô, reorganiza suas emoções e compreensões sobre o mundo. E no plano estético, quando o leitor é igualmente afetado pelo encontro com a linguagem poética e simbólica de Valter Hugo Mãe. Assim, a catarse vigotskiana manifesta-se tanto dentro da história, na experiência vivida pelo narrador-personagem, quanto fora dela, na experiência sensível de quem lê, confirmando o caráter humanizador da literatura.

Com base nos referenciais da Psicologia Histórico-Cultural e, especificamente, da *Psicologia da Arte*, de Vigotski (1999), foi possível concluir que uma obra literária vai além de simplesmente relatar experiências, ela evoca emoções, instiga reflexões e promove mudanças na subjetividade do leitor.

Como contribuição, este estudo destaca a relevância da literatura como uma fonte de pesquisa e de intervenção em Psicologia, principalmente devido ao seu potencial de expressar emoções, memórias e relacionamentos que formam a subjetividade. Além disso, destaca-se a importância das relações intergeracionais na formação emocional e cultural, demonstrando como elas funcionam como espaços para a mediação de valores, conhecimentos e afetos.

Outro aspecto relevante é que, conforme Vigotski (1999), a arte não conduz imediatamente à ação prática, mas prepara o sujeito para agir. Ao organizar internamente a sensibilidade e o comportamento, a arte desperta disposições que podem se traduzir em atitudes futuras, o que ressalta seu papel educativo e social. Assim, a literatura analisada mostra-se não apenas como um recurso de sensibilização estética, mas também como um instrumento de formação e transformação, tanto individual quanto coletivo.

Como este estudo se baseia em uma única obra literária e não houve uma pesquisa empírica, a análise não possibilita generalizações extensas sobre as relações intergeracionais.

No entanto, fornece uma perspectiva específica e detalhada de como a arte pode intermediar essas experiências. Além disso, o estudo foi desenvolvido a partir da leitura da pesquisadora, o que reforça o caráter interpretativo do estudo, ainda que fundamentado teoricamente.

Do ponto de vista acadêmico e profissional, a execução deste trabalho possibilitou a realização de uma análise crítica e sensível a respeito da velhice, dos vínculos afetivos e da memória, permitindo deslocar a compreensão da velhice de uma perspectiva biologizante para um espaço de potência simbólica, cultural e afetiva. Contrariando concepções reducionistas que associam a velhice à perda ou à inutilidade, a obra revela o idoso como sujeito ativo, mediador de saberes, sentimentos e valores. Ademais, a partir desse estudo, defendemos a importância da arte e da literatura no processo de humanização, pelo potencial que elas têm de promover reflexões profundas sobre a vida, o desenvolvimento integral dos indivíduos e a qualidade das relações.

Referências

- Barroco, S. M. S., & Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & sociedade*, 26, 22-31. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100004>
- Bosi, E. (2016). Memória e Socialização. In: *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. 19.ed. São Paulo: Companhia das Letras. cap.2. p.73-92.
- Candido, A. (1988). O direito a literatura. In Candido, A. *Vários escritos*. Duas Cidades.
- Combinato, D. S. (2018). O potencial transformador da arte: um diálogo entre Vigotski e Antonio Candido. *Dialogia*, 101-110. <https://doi.org/10.5585/dialogia.N30.8328>
- Combinato, D. S., & Queiroz, M. D. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia* (Natal), 11, 209-216. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>
- Dias, C. M. S. B. & Silva, D. V. (2001). Os avós na perspectiva dos netos adolescentes: um estudo qualitativo. Em T. Feres Carneiro (Org), *Casamento e família, do social à clínica* (pp. 53-66). Rio de Janeiro: Ed. Nau.
- Dias, C. M. S. B., & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia Em Estudo*, 8, 55–62. <https://doi.org/10.1590/s1413-73722003000300008>
- Fontes, V. (2009). Determinação, história e materialidade. *Trabalho, Educação e Saúde*, 7, 209-229. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000200002>

- Fronteiras do Pensamento. (nd). *Valter Hugo M&ae*. Fronteiras Do Pensamento. Recuperado em 7 de julho de 2025, em <https://www.fronteiras.com/descubra/pensadores/exibir/valter-hugo-mae>
- Galeria Lume. (n.d.). *Nino Cais*. Galeria Lume. Recuperado em 7 de julho de 2025, em <https://galerialume.com/artista/nino-cais/>
- M&ae, V. H. (2019). *As mais belas coisas do mundo*. Biblioteca Azul.
- Marques, F. D., Sousa, L. M., Vizzotto, M. M., & Bonfim, T. E. (2015). A viv&encia dos mais velhos em uma comunidade ind&igena Guarani Mbyá. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 415-427. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p415>
- Pereira, R. F., Freitas, M. C. D., & Ferreira, M. D. A. (2014). Velhice para os adolescentes: abordagem das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(4), 601-609. <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670416>
- Prémio Literário José Saramago. (2007). Prémio Literário José Saramago. Recuperado em 7 de julho de 2025, em <https://www.premiojosесaramago.pt/vencedores/2007/valter-hugo-mae>
- Toledo, L. C. N. & Santos, M. A. F. (2022). A velhice: uma an&alise deste per&odo do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia hist&orico-cultural. In *Psicologia: abordagens te&oricas e emp&ricas-volume 2* (Vol. 2, pp. 55-69). Editora Cient&ifica Digital.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte* (P. Bezerra Trad.). S&o Paulo, Martins Fontes.